

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO PÚBLICO ESTADUAL DE LÍNGUA INGLESA EM JOÃO PESSOA, PARAÍBA

Maria das Vitórias da Silva Araújo ¹
Isabelle Coutinho Ramos Benicio ²

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo identificar os desafios enfrentados pelos professores de Inglês do ensino básico público estadual na cidade de João Pessoa, na Paraíba, e propor possibilidades de melhoramento no ensino da língua inglesa (LI). Para isso, utilizamos, como objeto de estudo, os relatos de experiências de professores de Inglês, através de um questionário com outros professores. Dessa forma, daremos voz a quem possui propriedade para analisar a realidade do ensino público de LI. Com esses dados, refletimos sobre os reais desafios que acometem o grupo docente no desenvolvimento de seu trabalho, e compreendemos quais são os possíveis caminhos encontrados pelos professores para resolução das problemáticas enfrentadas. Ancoramo-nos nos apontamentos de Celani (2008) sobre o perfil do professor de língua estrangeira do futuro; Leffa (2008) sobre as dificuldades de se inserir a língua inglesa no contexto do ensino público brasileiro; Andrade (2015), que nos convida a pensar sobre os motivos que levam o ensino de Inglês a não ocorrer de forma efetiva no Brasil; e Rajagopalan (2009), que discorre sobre o enfrentamento da hegemonia do Inglês e sobre a adoção da noção de *World English*; dentre outros estudiosos. No que concerne aos desafios a serem tratados neste trabalho, citamos a superlotação e o número elevado de turmas por professor, baixo nivelamento dos discentes e escassez de formação continuada. Em relação às políticas públicas, debruçamo-nos no programa Conexão Mundo Paraíba, que visa proporcionar, aos professores efetivos, oportunidades no desenvolvimento linguístico e interação com novas culturas.

Palavras-chave: Ensino de Inglês. Desafios. Possibilidades. Conexão Mundo. Paraíba.

INTRODUÇÃO

É comumente difundida a importância do ensino de língua inglesa (LI) na sociedade capitalista na qual vivemos. Quem nunca ouviu algo parecido como “na era da tecnologia, saber Inglês é um componente básico”?! Esse tipo de afirmação nos impele a refletir que, para nos darmos minimamente bem no jogo competitivo do capitalismo, precisamos de algumas ferramentas na nossa bagagem. Dentre elas, o Inglês torna-se

¹ Graduada do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vitoriaflavi Domingos2022@email.com;

² Mestranda do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, teacher.isabelle.benicio@email.com.

fundamental. Por exemplo, para que os trabalhos acadêmicos circulem na comunidade científica, é preciso que estejam num idioma acessível ou “universal”. No artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), no § 5º é afirmado que: “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa”. No entanto, na prática, não há uma efetivação no ensino-aprendizagem do idioma, pois muitos alunos buscam os cursos de idioma para efetivarem o aprendizado da língua. De acordo com a pesquisa *Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil* (Council, 2013, p.15), apenas 5,1% da população com 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento da língua inglesa. Entre os mais jovens, de 18 a 24 anos — que saíram ou estão para sair do ensino médio —, o número que declara falar inglês é de 10,3%.

Levando em conta que uma grande parte dos estudantes brasileiros tem que estudar Inglês por 7 anos no ensino básico — mais precisamente, do 6º ano do ensino fundamental II à 3ª série do ensino médio, com uma carga horária média de duas horas semanais, a porcentagem de alunos que declara falar Inglês é baixa. Isso nos leva a refletir que apesar de o aprendizado de Inglês ser garantido por lei, isso não assegura que seja cumprido.

Então, como suprir uma necessidade comunicativa de uma disciplina, quando as problemáticas atingem a todo um sistema?! Quais as políticas públicas disponíveis e quais as que necessitamos no momento?! As condições adversas em sala de aula, como falta de computadores, de Internet, de climatização, de materiais didáticos, o nível diferente de Inglês de cada aluno, dentre outras dificuldades, impossibilita uma atuação satisfatória dos professores, como aponta a pesquisa *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira* do *British Council/Plano CDE* (2015, p. 15). Além das condições de trabalho, também precisamos pensar nas condições de estudos disponíveis para os professores. Como iremos focar a atenção, para este artigo, nas questões que giram em torno do professor, precisamos pensar na formação inicial e na formação continuada.

No Brasil, um educador que tem o propósito de fazer com que o ensino-aprendizagem de Inglês funcione minimamente em suas aulas no ensino público, precisa pensar para além dos desafios. Assim, aplicamos um questionário indagando quais as possibilidades conhecidas pelos professores e as encontradas por eles para lidarem com tantas dificuldades.

Para este trabalho, não focaremos a atenção na parte de aquisição da linguagem e de metodologias de ensino, apesar de reconhecermos a importância. Para cumprirmos com as discussões propostas, nos debruçamos sobre o aporte teórico fornecido por Celani

(2008), Leffa (2008), Andrade (2015), e Rajagopalan (2009). Além disso, utilizaremos a pesquisa sobre *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira – Elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE* (2015), e o documento *Políticas públicas para o ensino de Inglês- Um panorama das experiências da rede pública brasileira* (2019).

METODOLOGIA

Este trabalho se classifica como pesquisa de campo, pois houve coleta de dados para análise. Utilizamos um questionário para recolher informações dos professores de Inglês participantes. O formulário foi aplicado via *WhatsApp*, pelo período de dez dias.

O questionário tinha 10 perguntas, visando coletar informações dos professores de língua inglesa do ensino público estadual no município de João Pessoa-PB, em relação aos desafios no ensino e às possibilidades frente a eles, destacando as saídas encontradas pelos professores para lidar com a árdua tarefa de levar a língua inglesa a uma parcela da população que não vê, muitas vezes, sentido no aprendizado da disciplina. As perguntas utilizadas no questionário foram as seguintes:

1. Você leciona no Ensino Fundamental II?
2. Você leciona no Ensino Médio?
3. Você se sente realizada (o) na profissão docente?
4. Em qual nível de Inglês você se considera em relação ao Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas?
5. Acredita que a sua graduação preparou você para a sua profissão? Explique.
6. Você já participou de alguma formação continuada oferecida pelo estado da Paraíba? Qual?
7. Já participou do programa Gira Mundo/Conexão Mundo? Qual a sua opinião sobre ele?
8. Quais são os desafios enfrentados diariamente por você em âmbito geral para o ensino de língua Inglesa?
9. Mediante a todos os desafios enfrentados pelos professores de Inglês em sala de aula, apresente as estratégias e possibilidades encontradas por você e que são utilizadas no seu trabalho docente.
10. Quais propostas políticas você propõe para alavancar o ensino público estadual de língua inglesa?

As perguntas 1, 2, 3, 6, 8, 9 e 10 possuem respostas abertas em formas de parágrafo, – dada a individualidade das respostas—, enquanto as indagações 4, 5 e 7 são de múltipla escolha (no estilo “sim” ou “não”). Em seguida, coletamos 15 respostas dos docentes da cidade de João Pessoa que aceitaram participar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino do inglês no Brasil é pautado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Nas esferas estaduais e municipais por meio de documentos complementares advindos das secretarias de Educação dos estados e municípios. É dever do poder público garantir que todos os cidadãos tenham acesso de maneira igualitária à educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Oferecer o ensino de língua inglesa nas escolas públicas é uma das formas de facilitar o acesso desse idioma à sociedade brasileira. Sendo assim, a língua Inglesa exerce uma função social (Brasil, 2017, p. 242):

Concebendo a língua como construção social, o sujeito “interpreta”, “reinventa” os sentidos de modo situado, criando novas formas de identificar e expressar ideias, sentimentos e valores. Nesse sentido, ao assumir seu status de língua franca – uma língua que se materializa em usos híbridos, marcada pela fluidez e que se abre para a invenção de novas formas de dizer, impulsionada por falantes pluri/multilíngues e suas características multiculturais –, a língua inglesa torna-se um bem simbólico para falantes do mundo todo.

Dessa forma, entende-se que aprender a língua inglesa possibilita ao cidadão um maior engajamento num mundo social cada vez mais globalizado, plural e multifacetado. De acordo com *as políticas públicas para o ensino de inglês do British Council* (2019, p.9), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), trouxe avanços em favor de um ensino que valoriza o aprendizado do idioma como uma prática social, e não somente a partir de uma lista de conteúdos gramaticais. Essa mudança na abordagem do ensino da Língua Inglesa pode e deve ter um papel de destaque na formação pessoal, acadêmica e profissional dos estudantes, contribuindo para a formação de cidadãos globais.

A BNCC também nos apresenta que o ensino de língua inglesa possui um caráter formativo e prioriza a função social e política do Inglês como status de língua franca. Nessa proposta, afirma-se que a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriunda de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, tampouco

trata-se de uma variante da língua inglesa. De acordo com Rajagopalan em seu trabalho *The Identity of “World English”*³ (2009, p. 100),

If they (the UK and US) do concede that English is today a world language, then it only behooves them to also recognize that it is not their exclusive property, as painful as this might indeed turn out to be. In other words, it is part of the price they have to pay for seeing their language elevated to the status of a world language. Now, the key word here is “elevated”. It is precisely in the process of getting elevated to a world status that English or what I insist on referring to as the “World English” goes through a process of metamorphosis.⁴

Neste sentido, o Inglês é visto como um idioma global. Para tanto se faz necessário o ensino eficaz desse idioma no Brasil. Os documentos oficiais do nosso país tratam, com ênfase, a inclusão do ensino da língua Inglesa. Temos a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB 9394/96) tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio: No Art. 26. § 5o, “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa”; e o art. 35., § 4o, “Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa [...], contudo, as dificuldades são diversas conforme já observam os parâmetros curriculares nacionais PCNs (Brasil, 1998, p. 21):

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido ao giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim, o foco na leitura pode ser justificado em termos da função social das LEs no país e também em termos dos objetivos realizáveis tendo em vista condições existentes.

Insistimos na urgência de políticas públicas educacionais que possam auxiliar as práticas educativas da língua Inglesa, trazendo para os docentes um maior suporte para angariar o sucesso no ensino desse idioma tão necessário no mundo globalizado. Andrade (2015) corrobora esse pensamento quando traz em seu trabalho: *O ensino de língua Inglesa em escolas públicas: um diálogo possível*,

³ A identidade do Inglês mundial (tradução nossa).

⁴ Se o Reino Unido e os Estados Unidos admitirem que o inglês é hoje uma língua mundial, então só lhes cabe reconhecer também que não é sua propriedade exclusiva, por mais doloroso que isso possa de fato vir a ser. Por outras palavras, é parte do preço que têm de pagar para verem a sua língua elevada ao status de língua mundial. Agora, a palavra-chave aqui é “elevado”. É precisamente no processo de elevação a um status mundial que o inglês ou o que insisto em chamar de “Inglês Mundial” passa por um processo de metamorfose.

[...] é importante ampliar o debate de modo a contribuir para uma perspectiva mais democrática para o ensino de língua inglesa, estimular as políticas públicas nesta área, identificar e desenvolver mecanismos didáticos e metodológicos, recorrendo às contribuições da LE, que propiciem uma aprendizagem efetiva, além de desenvolver subsídios para ampliar a formação dos docentes e seu desempenho em sala de aula.

A formação continuada dos (as) professores (as) faz-se urgente para o crescimento profissional e atualização desses docentes, pois como observamos no § 1º do art. 62, da LDB (Brasil, 1996): “a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério”.

Um estudo realizado pelo *British Council* (2015, p. 38) traz as propostas dos professores em relação à formação continuada. Segundo eles:

Capacitações devem ser presenciais – os professores desejam interação com outros professores e alunos; No entender dos docentes da rede pública, devem ser utilizados treinadores nativos do idioma inglês, a fim de garantir melhor desenvolvimento linguístico e trocas culturais; As sessões de capacitação devem ter foco em conversação, novas metodologias de ensino e utilização de novas mídias, como tablets e aplicativos de celular; Intercâmbios para professores são muito desejados para o aprimoramento da língua, especialmente a linguagem falada.

Uma opção bastante visada pelos docentes não apenas de João Pessoa, mas da Paraíba é o programa financiado pelo Governo do Estado, chamado Gira Mundo (2016), hoje Conexão Mundo. Programa para professores efetivos da rede estadual, sendo os docentes com contrato temporário (45,4%) excluídos, segundo um levantamento do *Todos pela Educação* (2023, p. 7). Sobre formação continuada, a pesquisa “*O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*” *British Council/Plano CDE* (2015, p. 38) declara que

[o]s professores desejam se aprimorar e oferecer melhores condições de aprendizado para seus alunos, mas encontram poucos estímulos nesse sentido. Os docentes pesquisados afirmam não ter acesso a capacitações e melhores recursos didáticos e, quando o têm, consideram o que é oferecido inadequado para a sua realidade e a de seus alunos.

Tanto a formação inicial quanto a continuada estão interligadas às questões de políticas educacionais. É necessário que o docente construa sua profissão. Leffa (2008, p.354) no livro *O professor de língua estrangeira– Construindo a profissão* nos traz que:

A formação de um professor de línguas estrangeiras envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica necessária para fazer a aprendizagem da língua acontecer na sala de aula. A formação de um profissional competente nessas duas áreas de conhecimento, língua e metodologia, na medida em que envolve a definição do perfil desejado pela sociedade, é mais uma questão política do que acadêmica.

Como idealizamos o professor de língua Inglesa do futuro?! Esse profissional é sobrecarregado por diversos desafios inerentes a sua profissão. Diante disso, o (a) docente precisa alinhar seu modo de ensinar em diversos aspectos. Sobre isso, Celani (2008, p. 40) comenta que:

[o] professor de línguas estrangeiras do futuro não poderá ser um indivíduo isolado dos colegas de profissão e da comunidade em que está inserido. Será membro de uma rede de outros indivíduos preocupados em fazer questionamentos constantes a respeito de sua própria atuação e de sua inserção na sociedade; essa será uma rede de pesquisadores de suas próprias práticas.

Os professores de Inglês, comumente ouvem: “Não sei nem Português... Imagine Inglês!”. Sobre isso, Albuquerque (2005, p. 122) conclui:

Ao se posicionar como alguém que não sabe a língua materna, se coloca em uma posição de inferioridade como cidadão e em uma situação de incompetência para exercer sua cidadania e exigir direitos, ele não representa a identidade nacional. De certa forma já se apresenta fracassado, diminuído, em sua incompetência linguística, por não ter capacidade plena de articular o pensamento, de afirmar sua nacionalidade e suas raízes culturais. Torna-se marginal em termos de futuro.

Fazer com que o estudante enxergue a importância da língua Inglesa em sua vida como conquista da cidadania plena é também um enorme desafio da carreira docente de língua inglesa. Segundo o “O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira”, feito pelo *British Council*/Plano CDE (2015, p. 33), 56% dos alunos nordestinos não consideram aprender Inglês importante.

As percepções trazidas na pesquisa do *British Council* possuem origem no Brasil império. Leffa afirma que “foi ainda no império que se iniciou a decadência do ensino de línguas”.

Ainda que não se tenha estatísticas exatas sobre aspectos importantes do ensino de línguas desse período, muitos deles dependentes de decisões locais tomadas pelas congregações das escolas, tais como a carga horária semanal de cada língua ensinada, o que se tem, através de leis, decretos e portarias, mostra uma queda gradual no prestígio das línguas estrangeiras na escola. (Leffa, 2008, p. 4)

Ainda de acordo com o estudo do *British Council/Plano CDE* (2015, p. 27), temos um número de aulas semanais de inglês nas escolas por região bastante similar, onde a grande maioria adotam apenas duas aulas por semana. Temos um total de 79% das escolas estaduais no Brasil e 75% das municipais que aplicam 2 (duas) aulas de Inglês por semana. Apenas 8% das escolas em nosso país ofertam quatro aulas semanais em âmbito estadual, e fica na região centro-oeste, enquanto apenas 5% das escolas em âmbito municipal trazem o mesmo número de aulas mencionadas acima.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtivemos respostas de quinze professores de língua Inglesa que atuam na educação pública estadual na cidade de João Pessoa. Desses, catorze (a maioria) atuam no Ensino Médio, enquanto dez atuam no Fundamental II. Dos participantes, 60% se diz muito realizado com a profissão, 20% pouco realizado, 13,3% mudaria de profissão, e nenhum relatou que está “nem um pouco realizado”. Em relação ao padrão do Quadro Comum Europeu de nível de Inglês, 33,3% auto-declara-se C1; 26,7% diz que é B2; 13,3% B1; e 13,3% diz ser C2⁵. Num total de 40% dos professores entrevistados consideram-se satisfeitos com a formação inicial, ou seja, com o curso de Letras em que se formou. Destes professores participantes da nossa pesquisa, 14% afirmaram já ter participado de alguma formação continuada, o que configura um baixo número.

Sobre os desafios, os professores expuseram haver desmotivação, desinteresse e indisciplina por parte dos alunos; uso excessivo do celular pelos alunos em sala de aula, sem fins pedagógicos; “falta de compreensão [dos alunos] sobre a importância da aquisição da língua inglesa para estudos futuros e mercado de trabalho”; “indisponibilidade de recursos como papel para impressão”; “livros didáticos insuficientes para cada aluno”; “falta de laboratório para as aulas práticas de conversação e compreensão oral”; “falta de estrutura física da escola”; e “salas superlotadas”. Frente a todos esses impasses que dificultam o trabalho do(as) professores(as) de língua inglesa, deparamo-nos com uma avaliação satisfatória da carreira docente. Há, nesse sentido, uma contradição, que não poderemos investigar no presente estudo, pois carecemos de

⁵ Não foi aplicado teste de proficiência. Apenas nos baseamos na autoavaliação dos professores participantes.

material suficiente para isso, mas poderemos aprofundar esse aspecto em pesquisas vindouras.

Em relação às possibilidades encontradas pelos professores, algumas se repetem, por isso, escolhemos as respostas mais completas: “Trabalhar com materiais com conteúdos mais relevantes para os estudantes, de acordo com a faixa etária”; “Trabalhar com vídeos informativos de notícias, de explicação de conteúdos e músicas”; “Apresentar vocabulário que ajudam na compreensão e na comunicação”; “Metodologias ativas de abordagem comunicativa”; e “Criação de material próprio”. Podemos observar que mesmo diante de dificuldades, os docentes buscam caminhos para superarem o que lhes impede de alcançar um ensino de melhor qualidade. São os docentes que estão diariamente lidando com a prática de ensino, e apenas esses (as) profissionais podem trazer de forma mais evidente as soluções para os impasses no ensino.

As sugestões políticas trazidas pelos (as) docentes como “aumento do número de aulas por turma”; “procurar parcerias com universidades locais que oferecessem formações específicas para professores de inglês [...]”; “[...] a sala de aula deveria ser alternada por sala de mídia, laboratório especializado na Língua [...]”; “Fazer curso de capacitação para os professores com propostas diferentes das que já usamos em sala de aula [...]”; “Um comprometimento maior por parte do Ministério da Educação com um número bem maior de aulas de Língua Inglesa a partir do Ensino Fundamental I e que se estenda para o Ensino Médio”; enfim, um uso mais consciente de todos os recursos que o governo possa dispor para disseminar o ensino da língua inglesa a fim de que este atinja o nível de excelência”; e “Aumento de carga horária”; “Promoção de mais programas de formação para os professores e tornar programas como o conexão mundo mais acessíveis”; “Valorização dos profissionais; “Antes de tomar decisões que envolvem o ensino, consultar quem está em sala de aula e conhecer a realidade”.

A partir da amostra, podemos traçar alguns caminhos possíveis para minimizarmos o contexto árduo pelo qual os professores do ensino público vivenciam. Essas dificuldades são, inclusive, previstas pelos PCNs (1998).

Conseguimos afirmar que a formação inicial dos professores participantes corrobora o que Celani (2008) afirma sobre o perfil do graduado de LE, que é um ser habilidoso e capaz de manejar o conhecimento.

Torna-se indispensável que os docentes busquem aprimorar seus conhecimentos. A formação continuada permite a eles que aperfeiçoem tanto suas habilidades comunicativas quanto suas capacidades para lidarem com desafios. Profissionais com

melhor preparo conseguem construir uma prática de ensino que consiga atender a diferentes públicos. Porém, para que isso ocorra é necessário que existam oportunidades de melhoramento por meio das políticas públicas; por isso a importância de possuímos postura política que nos conduza a condições cada vez mais valorizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a realidade no ensino público estadual em João Pessoa pela perspectiva dos professores que responderam o questionário, conseguimos perceber alguns dos motivos de não obtermos êxito no ensino de língua inglesa durante os sete anos de ensino básico em que a língua é ofertada. Apesar de dispormos de leis federais que amparam nosso trabalho, ainda nos deparamos com a dificuldade de proporcionarmos um ensino de qualidade. Além dos recursos escassos, as oportunidades de aperfeiçoamento aos professores também não são suficientes, sendo necessário mais fiscalização no cumprimento do que dita a lei. Precisamos de políticas públicas que sejam cumpridas, que orientem o ensino-aprendizagem de maneira eficiente, e que levem em conta as problemáticas aqui apresentadas.

Além dos desafios, também trouxemos possibilidades de lidarmos com as adversidades e entendemos por meio dos relatos dos professores que é urgente a aplicação de políticas públicas educacionais que se preocupem com o ensino de Inglês nas escolas públicas no município de João Pessoa-PB. Por fim, aprendemos que a formação inicial pode ser uma base sólida para muitos professores da rede estadual do município de João Pessoa, e que se faz importante que a secretaria de educação possa oferecer mais formações continuadas como cursos, especializações, *workshops* e intercâmbios, acessíveis a todos os professores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Débora Torquato de. **Encontros com a EJA: construindo sentidos de aprender e ensinar inglês**. 2020.

ANDRADE, Ezequias Felix de. **O ensino de língua inglesa em escolas públicas: um diálogo possível**. 2015. 70f. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 9394/1996.

Celani, Maria Antonieta Alba. Ensino de línguas estrangeiras: Ocupação ou profissão. **In: O professor de línguas [estrangeiras]: construindo a profissão**. Educat, 2008.

Council, British. **Políticas Públicas para o Ensino de Inglês: um panorama das experiências na rede pública brasileira/Public Policies for the Teaching of English: an overview of the experiences in the Brazilian public network**. 1. Ed. São Paulo: 2015.

COUNCIL, British. **O ensino de inglês na educação pública brasileira**. São Paulo, v. 1, 2015.

Gira Mundo Professores. Disponível em: <<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao/programas/gira-mundo/gira-mundo-professores>>. Acesso em 20 jul. 2024.

LEFFA, Vilson J. (org). **O professor de línguas [estrangeiras]: construindo a profissão**. Educat, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. The identity of “world English”. **New challenges in language and literature**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, p. 97-107, 2009.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Professores temporários nas redes estaduais do Brasil**. 2024. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2024/04/estudo-professores-temporarios-nas-redes-estaduais-do-brasil-todos-pela-educacao.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2024.